

Formação do capital social em comunidade de baixa renda

The social capital formation in low income community

*Maria Helena Botelho Moreira de Deus¹, Danielle Miranda²,
Maria Eliene Soares de Souza³ e Joana Ancila Pessoa Forte⁴*

Resumo

O resultado da intervenção humana nos territórios tem provocado grandes e significativas modificações na dinâmica social e econômica, com destaque para comunidades de baixo índice de desenvolvimento humano, a partir da participação dos atores sociais envolvidos nestes processos. O presente artigo tem como objetivo geral: analisar a dinâmica de formação do capital social, à luz do modelo de Melo Neto e Froes (2002). Apresenta no primeiro capítulo a introdução, seguida pela discussão teórica sobre capital social, desenvolvimento local e arranjo produtivo local. No quinto capítulo são apresentadas os procedimentos metodológicos, adotando uma pesquisa de natureza qualitativa, através de um estudo de caso único. Os resultados encontrados apontaram a existência de uma dinâmica de desenvolvimento do capital social, na comunidade em estudo, diverso do modelo proposto por Melo Neto e Froes (2002).

Palavras-chave: Capital Social. Desenvolvimento Local. APL. Baixa. Renda.

Abstract

The result of the human intervention in the territories has been provoking great and significant modifications in the social and economical dynamics of the place, with prominence for communities of low Index of Human Development (IDH), starting from the social actors' participation involved in these processes. The present article has as general objective: to analyze the dynamics of formation of the social capital, to the light of Melo Neto and Froes's model (2002). It presents the introduction, followed peak theoretical discussion about

¹ Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza; mariahelenabotelho@yahoo.com.br. (85-34773229)

² Profª Drª do Curso de Mestrado em Administração pela Universidade de Fortaleza; danielle@unifor.br. (85-34773229)

³ Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza; elienesoaress@gmail.com. (85-34773229)

⁴ Mestre em Administração pela Universidade de Fortaleza; joanaforte@gmail.com. (85-34773229)

social capital, local development and local productive arrangement. In the item fifth the methodological procedures are presented, adopting a research of qualitative nature, through a study of only case. The found results pointed the existence of a dynamics of development of the Social Capital, in the community in study, several of the model proposed by Melo Neto and Froes (2002).

Keywords: Social capital. Local Development. APL. Low Income.

Introdução

Mesmo sendo difícil de mensurar, o capital social é responsável pelo êxito de crescimento e desenvolvimento de muitas regiões, enquanto que sua ausência é indicador de muitos fracassos (VERGARA, 2004). Na comunidade do sítio Mocotó, localizado no município de Várzea Alegre, o capital social parece ser a tônica de uma rede de relações coletivas, inicialmente articuladas por Dona Rosinha e suas duas irmãs, Antônia e Francisca, três deficientes físicas que, embora tendo algumas limitações, aliado ao estigma social, mostraram para a comunidade local e fora dela, que são capazes de superar adversidades, produzir e levar uma vida normal através de seu trabalho de mobilização, em parceria com a comunidade local, conseguindo a ampliação de um incipiente Arranjo Produtivo Local (APL), beneficiando toda a comunidade e seu entorno, gerando ocupação e renda em um cenário que, antes, não apresentava grandes perspectivas de qualidade de vida para seus moradores.

Esta pesquisa pretende contribuir com os recentes estudos sobre os fatores que determinam a formação do capital social. Para tanto, analisou-se um estudo de caso único: a comunidade do Sítio Mocotó, localizada na sede rural do município de Várzea Alegre, a 351 Km da capital, no Sul do Ceará, com uma população de 36.367 habitantes, ocupando o exagésimo nono lugar estadual no *ranking* de renda per capita, com o valor anual de R\$ 325,00 por habitante (IBGE, 2007). Esta comunidade enfrenta dificuldades comuns das regiões nordestinas, onde, durante décadas, a agricultura foi a base de sua economia. Em tempos de colheita os agricultores trabalhavam em mutirão, pagando a maior parte de seus lucros no aluguel de tratores. As famílias viviam em dificuldades, cada vez mais críticas por conta das secas. Os homens passaram a procurar emprego nas cidades próximas, gerando uma constante evasão das famílias.

Este trabalho se fundamenta no modelo teórico de Neto e Froes (2002), que apresentam os seis fatores determinantes do capital social, avaliando que uma *"comunidade que dispõe de capital social possui altos níveis de participação, organização, confiança entre seus membros, cooperação, solidariedade e pessoas dotadas de iniciativa"*.

Nesse contexto, desenha-se o objetivo geral do presente estudo: analisar a dinâmica de formação do capital social à luz do modelo de Neto e Froes (2002).

Os objetivos específicos consistiram em investigar os fatores determinantes identificados por Neto e Froes (2002) no processo de formação do capital social em comunidade de baixa renda, avaliando-se a atuação destes fatores na formação do capital social da referida comunidade.

A estrutura do artigo está composta de introdução, discussão referente ao conceito de capital social, desenvolvimento local e arranjo produtivo local, procedimentos metodológicos, resultado e conclusão, seguidos das referências.

1 Capital social

Em meio à vasta literatura referente ao tema, não há consenso ainda acabado, entre os estudiosos, sobre o conceito de capital social, por se tratar de temática empírica e de complexa mensuração, em que cada caso evidencia uma experiência única e cada pesquisador mobiliza sua própria percepção e forma de análise.

De acordo com Coleman (1988, p.96), o capital social é determinado pelo conjunto de

[...] normas, confiança interpessoal, redes sociais e organização social [...], importantes no funcionamento, não apenas da sociedade, mas também da economia, configurando-se uma coligação de relações sociais e de recursos acessíveis.

Prosseguindo neste raciocínio, o citado autor determinou as relações sociais como sendo a inserção dos indivíduos que, interagindo entre si, contribuem para a consecução de objetivos, tornando estas interações necessárias para que metas sejam alcançadas, a baixo custo. Em seguida, quanto a definir recursos acessíveis, considerou tratarem-se de um ou de vários indivíduos pertencentes a um grupo de intercâmbio, obtendo relações mutuamente proveitosas. (COLEMAN, 1994; ROBINSON, 2002).

Aspectos desta estrutura social (relações, normas e confiança social) podem ajudar a desenvolver a coordenação de atividades e a cooperação em torno de projetos de que resultem benefícios comuns. Tais elementos se referem a fatores como atenção, conhecimento, oportunidades de participação, não se referindo simplesmente a conexões que dão acesso a recursos físicos e de informação. Uma cultura de bens intangíveis passa a ser disseminada.

O Banco Mundial (2008) associa o capital social a uma instituição envolvida com as relações e normas de uma sociedade, nas quais é definida a intensidade de sua interação social, afirmando a referida entidade que o capital social é imprescindível para o desenvolvimento das sociedades que atuam de forma sustentável. E, ainda,

que as fontes mais importantes de capital social são: 1) as famílias: consideradas a forma de maior importância para a geração do capital social; 2) as comunidades: integrando vizinhos, grupos e amigos, gerando importante contribuição, se trabalharem juntos para o bem comum. Acredita-se chegarem a substituir o capital humano e físico; 3) Empresas: essa fonte de capital social pode ser útil, caso existam confiança e normas em comum; 4) Sociedade Civil: considerada importante por sua capacidade de unir forças para buscar melhorias concretas; 5) Setor Público: imprescindível para trazer bem-estar a toda a sociedade; 6) Gênero: Tomando-se como exemplo o fato de que, no Brasil, o segmento feminino é o que mais desponta.

Franco (2001) aponta quatro características importantes em uma comunidade, para que nela se possa estabelecer o capital social, observando a capacidade do grupo, são elas: a) Estabelecer o foco nos trabalhos conjuntos, buscando o alcance de metas comuns à comunidade, sem se concentrar apenas nas metas individuais; b) organizar-se e se associar; c) focar os interesses coletivos, ao invés dos individuais; d) compartilhar normas e valores homogêneos no grupo. Na concepção do autor supracitado essas características são essenciais para que relações se solidifiquem de forma duradoura e estável dentro do grupo, proporcionando um elevado nível de desenvolvimento social para a comunidade.

1.1 Fatores determinantes do capital social

Neto e Froes (2002) identificam 06 (seis) fatores considerados determinantes para a formação do capital social: *Confiança, Cooperação, Organização, Iniciativa, Solidariedade Social e Participação*, cujos conceitos são apresentados a seguir.

A *confiança* é um elemento promotor da cooperação, constituindo-se em uma espécie de contexto de relacionamento. Este fator é determinante na facilitação da ação social humana, fortalecendo as regras de reciprocidade (PUTMAN, 2005).

Segundo Coleman (1995) a *cooperação* determina a “capacidade de associação”. Esta terminologia é conceituada como uma aptidão que está presente nos grupos humanos e que os possibilita a trabalharem juntos. Tudo isso com o objeto de conquistas mútuas, resultantes de fatores como normas e valores compartilhados, conhecimentos e aptidões comuns e complementares, objetivos comuns, disponibilidade de recursos sociais, e subordinação dos interesses individuais aos coletivos. Neste contexto o movimento do individualismo se inverte e se esgota, uma vez que as formas individuais estão sendo superadas pelo trabalho conjunto.

As pessoas começam a entender que, juntas, somam forças, conhecimentos e outras habilidades facilitadoras do trabalho cooperativo.

Recorrendo ao conceito clássico da determinante *organização* pode-se defini-lo como um conjunto de duas ou mais pessoas que realizam tarefas, seja em grupo, e/ou individualmente, mas de forma coordenada e controlada, atuando num determinado contexto ou ambiente, com vistas a atingir um objetivo pré-determinado através da realização eficaz de diversos meios e recursos disponíveis, liderados ou não por alguém com as funções de planejar, organizar, liderar e controlar (DOLABELA, 1999).

Crant (2000) defende que *pró-atividade* e *iniciativa* partem do mesmo domínio comportamental, já que ambas congregam a mudança. Ter iniciativa significa ser o pioneiro em uma determinada ação, sem a presença de alguém que dê ordem para fazer. A iniciativa se constitui das seguintes características: a) visão de longo prazo; b) posse de ações orientadas e metas condicionadas; c) objetivação de conquistas utilizando ações orientadas e metas direcionadas.

Para Bilgrien (1999), a *solidariedade* acontece quando os indivíduos se ajudam na solução de problemas e/ou quando um indivíduo se coloca no lugar de outro. Dessa forma, solidariedade é sinônimo de engajamento político-cultural e comprometimento, evitando o surgimento de eventuais problemas na sociedade.

Araújo e Moreira (2000) frisam que a *participação* associativa é um processo de construção conjunto, em que se busca a melhor decisão, o respeito às diferenças, as visões político-sociais de seus integrantes e a procura do consenso em meio à diversidade.

Neto e Froes (2002, p.58) consideram que a existência do capital social é condicionada à atuação conjunta destes seis fatores determinantes, por meio de projetos sociais ou programas. Os autores afirmam que uma “comunidade que dispõe de capital social possui altos níveis de participação, organização, confiança entre seus membros, cooperação, solidariedade e pessoas dotadas de iniciativa”. A dinâmica desses fatores foi desenhada por Neto e Froe (2002), conforme elucida a figura I.

Denota-se o protagonismo local em comunidades que se desenvolvem com êxito quando implementam todos ou alguns destes fatores, a exemplo do que foi analisado no presente estudo.

2 Desenvolvimento local

O desenvolvimento local pode ser considerado como um conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais – vistas sob a ótica interssetorial e trans-escalar – que participam de um projeto de transformação consciente da

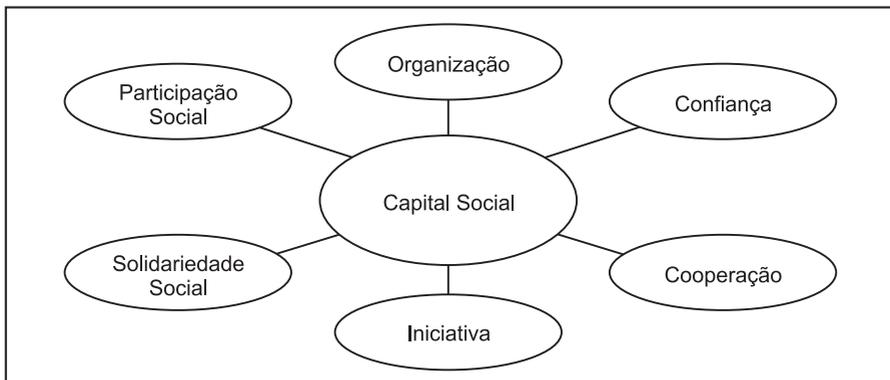


Figura 1 – Fatores determinantes do capital social.

Fonte: Neto e Froes (2002).

realidade local. Neste projeto de transformação social, há significativo grau de interdependência entre os diversos segmentos que compõem a sociedade, em âmbito político, legal, educacional, econômico, ambiental, tecnológico e cultural, e os agentes presentes, em diferentes escalas econômicas e políticas, do local ao global. É fundamental pensar o desenvolvimento local enquanto projeto integrado ao mercado, mas não somente: o desenvolvimento local é também fruto de relações de conflito, competição, cooperação e reciprocidade entre atores, interesses e projetos de natureza social, política e cultural (MILANI, 2008).

Costa (2007) compreende que para que o Desenvolvimento Local possa se expandir é necessário que a sociedade se integre, que sejam criadas parcerias entre os atores do mercado, do estado e da sociedade, objetivando: (a) convergir os investimentos dirigidos às potencialidades locais; (b) estabelecer as potencialidades para a criação do desenvolvimento; (c) capacitar os líderes locais para a gestão compartilhada do desenvolvimento e o planejamento participativo; e (d) articular, com a criação do desenvolvimento, as instituições envolvidas no processo. Desta forma, encontra-se no desenvolvimento local uma estratégia que procura apresentar respostas para os problemas urgentes e as possíveis aspirações de cada comunidade em superar seus limites e maximizar recursos ociosos e potenciais, canalizando, assim, suas energias de forma unidirecional rumo ao desenvolvimento, além do simples crescimento econômico local por meio do fomento de atividades produtivas e das políticas para inclusão social, participativa e democrática.

Neste sentido, destaca-se no estado do Ceará a comunidade do Sítio Mocotó, objeto deste estudo. A região na década de 80, apresentava pouco ou tímido processo de desenvolvimento, onde um grupo de jovens constituíram uma associação de fabricantes de redes.

Em 2008, a média de vendas mensal de 120 unidades de redes de dormir garantiam uma renda em torno de dois salários mínimos para cada uma das 37 famílias que participam do projeto. Os benefícios alcançados com a mobilização do capital social não se restringiram à fábrica de redes, mas ao desenvolvimento local da comunidade, que hoje possui energia, água encanada e um trator para a utilização dos agricultores da comunidade, permitindo o aumento do lucro na agricultura local. Esses lucros foram obtidos por meio da atuação da associação. Outros benefícios adquiridos na comunidade foram alfabetização dos moradores, acesso a serviços de saúde tais como consultas médicas, construção de uma capela, reforma e aumento de maquinário na fábrica de redes. Os moradores relatam, ainda, que a qualidade da moradia melhorou, passando de casas de barro a casas de alvenaria.

3 Arranjo produtivo local

Os Arranjos Produtivos Locais (APLs) são definidos como grupos de pessoas/empresas situados em um determinado território, relacionando-se com agentes sociais, econômicos e políticos, focando um trabalho voltado para atividade de natureza econômica, com vínculos mesmo que incipientes (ALBAGLI, BRITO, 2002). Podem ser analisados considerando três formas, as quais, juntas, são consideradas positivas para o desenvolvimento da competitividade e da sustentabilidade, são elas: a) o fortalecimento da governança e do capital social; b) o desenvolvimento da capacidade inovadora e da capacidade produtiva; c) o desenvolvimento das competências territoriais e dos seus agentes.

Assim, os APLs, além de contribuírem para a competitividade, também fortalecem o desenvolvimento do país, considerando que o capital social está diretamente interligado com esta questão.

Em nível internacional destacam-se, a título de exemplo, alguns arranjos produtivos como forte atuação: o Vale do Silício, importante aglomerado de instituições especializadas no setor de Informática e o da Terceira Itália, envolvendo empresas de médio e pequeno porte, especializadas nas áreas têxtil e mecânica.

O APL, objeto deste estudo, foi desenvolvido de forma espontânea na década de 80, visto que todas as mulheres da comunidade exerciam a atividade de *crochet*. Em 1984 foi fundado o Grupo de Jovens da Comunidade, que inicialmente tinha caráter apenas religioso. Entre as discussões sobre os problemas sociais os jovens criaram uma fábrica de redes, que inicialmente era informal. Com o amadurecimento e desenvolvimento da fábrica surgiu a necessidade de formalizá-la. Assim, criou-se a Associação Comunitária do Sítio Mocotó, atuando desde então no mercado de artesanato, além das ações desenvolvidas na área social.

4 Metodologia

O trabalho em referência utilizou-se da pesquisa qualitativa, em função de sua grande aplicabilidade, na investigação de temas que requerem uma compreensão mais aprofundada. Optou-se pelo estudo de caso, por representar uma estratégia de investigação que permite estudar e compreender, em detalhes, determinados aspectos organizacionais a partir de uma análise intensa de uma dada unidade social (GODOY, 1995).

A pesquisa foi desenvolvida junto à Associação Comunitária do Sítio Mocotó, localizada no município de Várzea Alegre, distante 800 km da capital do Estado do Ceará, dado a relevância econômica e social desenvolvida no APL, o que tem sido alvo de interesses da população e dos estudiosos, por seu alto grau de estruturabilidade, comprometimento e organização.

Como procedimento da coleta de dados foram utilizados três recursos distintos: o primeiro inseriu o exercício analítico bibliográfico na busca de fortalecer a teoria que fundamenta o trabalho, para que os dados não sejam distribuídos aleatoriamente, frente ao acervo bibliográfico utilizado; o segundo lançou mão da análise documental para obtenção dos dados referentes ao histórico, produtos e serviços, número de funcionários, e a identificação de características objetivas, os documentos foram coletados no acervo da associação, totalizando 500 laudas, registradas semanalmente e assinadas por todos os integrantes, entre o período de 1984 a 1989 e 2004 a 2007; o terceiro método de coleta de dados elegeu a pesquisa de campo, sendo utilizados dois tipos de entrevista, a individual, em profundidade, tendo em seu roteiro questões abertas e a entrevista semi-estruturada, divididas em seis partes, totalizando 40 perguntas. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas.

Optou-se por entrevistar os associados veteranos, que presenciaram o início dos trabalhos da associação, por terem maiores informações a respeito da formação do grupo. Assim, todos os que assinaram a Ata de reunião número 1, do Grupo de Jovens Unidos em Cristo, do Sítio Mocotó, em 1984, totalizando onze pessoas, foram entrevistados. As entrevistas foram realizadas entre setembro e novembro de 2008.

Para a realização destas entrevistas, as pesquisadoras se deslocaram até Várzea Alegre e passaram dois dias hospedadas na casa de uma das entrevistadas. Vale ressaltar que a comunidade não dispõe de meio de transporte apropriado para chegar ao local, sendo utilizado moto-táxi ou pau de arara. Não dispõe ainda de uma forma de comunicação, como telefone.

Os dados foram analisados através do método análise de conteúdo, por ser considerado apropriado quando o fenômeno a ser observado é a comunicação e não o comportamento ou objeto físico” (MALHOTRA, 2006). Para a definição

das categorias optou-se pela grade Mista, conforme Vergara (2005). As categorias iniciais foram embasadas no modelo de Neto e Froes (2002), que apresentam seis fatores determinantes para a formação do capital social. Como suporte da análise de conteúdo utilizou-se o software Atlas TI.

Optou-se pela triangulação de dados, que permite integrar fontes diferentes, neste caso entrevistas semi-estruturadas, ata das reuniões e entrevistas em profundidade.

5 Resultados

Neste tópico, apresentam-se os resultados obtidos a partir do levantamento documental, sintetizando, em ordem cronológica, conforme análises realizadas nas 500 laudas relativas às atas entre 1984 a 1989 e 2005 a 2007, bem como das entrevistas semi-estruturadas e de profundidade que inclui as análises efetuadas com o suporte do software Atlas T.I.

5.1 Pesquisa documental: atas entre 1982 a 1989 e 2004 a 2007

PESQUISA DOCUMENTAL	COMENTÁRIOS DA COMUNIDADE E DAS PESQUISADORAS
1984	<p><u>Comentário da Comunidade:</u> Aos quatorze de dezembro do ano de 1984, realizou-se a primeira reunião do Grupo de Jovens Unidos em Cristo no Sítio Mocotó, debaixo de um pé de mangueira. (Ata da primeira reunião, 14 de dezembro de 1984).</p> <p><u>Observações das Pesquisadoras:</u> Pode-se observar, de pronto, a iniciativa dos integrantes em participar de uma reunião de grupo de jovens, dando-se continuidade ao movimento sob a liderança de Rosa, que presidia este primeiro encontro mesmo sem o apoio de uma estrutura física adequada. Com a evolução do grupo de jovens, as reuniões passaram a ser realizadas nas casas de seus integrantes, havendo rodízio semanal. Somente em julho de 1985, fixou-se a residência do senhor Simplicio Miguel, pai de Rosa, como a sede dos encontros. Com a evolução do grupo de jovens, as reuniões passaram a ser realizadas nas casas de seus integrantes, havendo rodízio semanal. Somente em julho de 1985, fixou-se a residência do senhor Simplicio Miguel, pai de Rosa, como a sede dos encontros. Percebe-se a forma criteriosa como a ocupante do cargo de secretária descreve as reuniões, sejam elas sobre leituras de Salmos, estratégias para arrecadar dinheiro para construção da capela, prestações de contas ou discussões sobre os problemas da comunidade. Fazendo uso de uma escritura oral e gráfica de ortografia muitas vezes falha e de difícil decodificação, o dia-a-dia da comunidade foi todo documentado. Percebe-se a forma criteriosa em como a ocupante do cargo de secretária descreve as reuniões, sejam elas sobre leituras de Salmos, estratégias para arrecadar dinheiro para construção da capela, prestações de contas ou discussões sobre os problemas da comunidade. Fazendo uso de uma escritura oral e gráfica de ortografia muitas vezes falha e de difícil decodificação o dia-a-dia da comunidade foi todo documentado.</p>

PESQUISA DOCUMENTAL	COMENTÁRIOS DA COMUNIDADE E DAS PESQUISADORAS
1985	<p><u>Comentário da Comunidade:</u> Esteve presente nessa reunião o Seminarista Antônio Afonso (...) o mesmo falava que Padre Mota falava muito de nosso grupo. (Ata da décima oitava reunião do grupo de jovens, 11 de agosto de 1985).</p> <p><u>Observações das Pesquisadoras:</u> É visível o teor de organização do grupo, no que se refere à arrecadação de dinheiro, prestação de contas e à constante preocupação em registrar todas as ações. O que se buscava, ali, era uma total transparência nos atos administrativos da associação. Em julho de 1985, o grupo de jovens já se destacava perante os demais da região, pela intensa e constante movimentação, com a finalidade de arrecadar dinheiro para a construção de uma capela, que, meses depois, pôde ser inaugurada. Em maio de 1987, discutia-se a parceria da EMATER-CE (Empresa de Assistência Técnica de Extensão Rural do Ceará) e o projeto FADA (Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Agrícola). Estes contatos viriam a ser fundamentais na implantação da fábrica de redes, iniciada com recursos financeiros e tecnológicos oriundos desta articulação.</p>
1989	<p><u>Comentário da Comunidade:</u> O objetivo desta associação é trabalhar pelo progresso e melhoria da comunidade, divulgando e promovendo atividades desenvolvidas pelo grupo. (Ata da primeira reunião da associação, 2 de abril de 1989). (...) reúnem-se com objetivo de constituir uma associação comunitária para fins de organizar os produtores da região rural, com vista à defesa de seus interesses e reivindicar, junto dos poderes públicos, a execução das medidas que lhes assegurem a satisfação de suas necessidades fundamentais, de modo a garantir uma melhor qualidade de vida. (...) A presidente da fábrica usou palavra falando que surge um novo caminho do trabalho associativo na comunidade, pois já temos um grupo de base como a fábrica de redes, que vem atendendo às necessidades das mulheres da comunidade. (Estatuto da Associação do Sítio Mocotó, 30 de maio de 1989).</p> <p><u>Observações das Pesquisadoras:</u> Em março de 1988, foi realizada a primeira reunião da fábrica de redes, momento em que se decidiu extinguir o grupo de jovens, elegendo-se, por voto, a Sra. Rosa como presidenta. Nesta mesma reunião, foram calculados os gastos do dinheiro recebido a fundo perdido do projeto FADA, no valor de Cz\$ 334.000,34 (trezentos e trinta e quatro milhões e quatro centavos de cruzados), sendo a quantia utilizada para a compra de quatro máquinas elétricas, adaptadas para uso de pedal, já que não havia energia na comunidade. Percebe-se a crescente profissionalização do grupo, que, diante da abertura de oportunidades oferecida por um membro externo da comunidade, passou a tratar, nas reuniões, sobre a fábrica e a produção de redes de dormir. Mesmo diante das dificuldades de locomoção enfrentadas por Rosa e suas duas irmãs, que por conta da deficiência desenvolveram atrofia dos membros inferiores e superiores e, por este motivo, ao se deslocarem, andavam de joelhos ou em cadeira de rodas, desde a adolescência, foi observado, durante a análise documental das Atas, que elas jamais faltaram às reuniões da comunidade. O apoio de seu pai foi vital para o acontecimento de reuniões e início da fábrica de redes, através da cessão da sala de estar de sua casa para a instalação do maquinário. Nos meses de março e setembro, de 1988, as reuniões giravam em torno de quatro itens: o lucro das vendas seria para a construção da sede; os associados deveriam estar convictos da importância de serem responsáveis e cumprirem os deveres; a qualidade das redes e as estratégias de venda. Percebe-se a importância do trabalho conjunto dos integrantes do grupo para a construção do prédio da fábrica de redes, já que todos concordaram, inicialmente, em ceder o lucro da confecção das redes para a construção da fábrica. Em setembro de 1988 foi realizada a primeira reunião na sede da própria fábrica de redes, construída em terreno doado via escritura pública pelo Sr. Símplicio Miguel, pai de Rosa.</p>

PESQUISA DOCUMENTAL	COMENTÁRIOS DA COMUNIDADE E DAS PESQUISADORAS
2004	<p><u>Comentário da Comunidade:</u> <i>A presidente e a tesoureira foram para Orós assinar o convênio de abastecimento de água. (Ata de reunião da associação, 15 de novembro de 2004).</i></p> <p><u>Observações das Pesquisadoras:</u> Até o ano de 1993, os produtos eram vendidos para amigos, comunidades vizinhas e em eventuais idas à capital. A partir de 1994, a parceria com o SEBRAE se tornou fundamental para alavancar as vendas, obtendo-se vários convites para participar de feiras por todo o Estado, parceria importante na implantação de diversos cursos de gerenciamento, relacionamento interpessoal e cursos técnicos. A associação, em Assembléia Geral, decidiu então que o próximo passo seria levar energia elétrica à comunidade, benefício já prometido por políticos locais em três gestões consecutivas. Em 1998, recebendo o segundo empréstimo a fundo perdido do projeto São José, em parceria com a EMATER-CE, foi procedida a distribuição de energia a todos os membros da comunidade. Outro passo relevante foi a compra de um trator equipado, em 1999, envolvendo o terceiro investimento a fundo perdido do projeto São José, com o intuito de arar as terras das famílias da localidade, antes obrigadas a terceirizar tratores, despendendo, como pagamento, quase o lucro integral obtido com a safra. Para a manutenção do trator, os agricultores pagavam as despesas em sacas de milho. Observa-se a postura solidária existente na associação, focando, prioritariamente, com essa ação, a qualidade de vida dos agricultores, sem se deter apenas na preocupação com o crescimento da fábrica de redes. Com seriedade e organização, a associação apresentou aos membros parceiros os projetos angariados com mais facilidade. Em seguida, partiu-se para a luta em prol do abastecimento de água na comunidade. Destaca-se, em diversas ocasiões, a importância dos membros externos para a elaboração de muitas ações, sem desmerecer os esforços da associação em, continuamente, transmitir aos colaboradores transparência e organização.</p>
Cont. 2004	<p>-----</p> <p><u>Comentário da Comunidade:</u> <i>Foi discutido que cada família mandasse uma pessoa para trabalhar na escavação para colocar os canos d'água. (Ata de reunião da associação, 13 de novembro de 2004).</i></p> <p><u>Observações das Pesquisadoras:</u> Em setembro de 2004, foi assinado o convênio para o provimento de abastecimento de água, totalizando o quarto empréstimo a fundo perdido elaborado pelo projeto São José. Para isso, a comunidade teria que participar com 10% do valor total do investimento e, com essa finalidade, organizar, em regime de mútuo, as escavações. É visível a evolução da associação. As atas de reunião ficam cada vez mais extensas, devido à quantidade de decisões tomadas pelo grupo em um curto período de tempo (cursos, feiras nacionais, congressos, representações em assembleias, reuniões em secretarias de governo, elaboração de palestras sobre a comunidade e reivindicações). Em março de 2007, foi assinado o projeto de ampliação da fábrica, sendo este também a fundo perdido, pelo projeto São José. Na Ata, é descrita a obrigação da comunidade em colaborar com 10% da verba. Desta vez foi planejado um revezamento entre os associados, no trabalho da construção do prédio. (Xxxx). Atualmente, a associação trabalha com quatro fontes de receitas: venda de redes; pagamento de taxa de 3,00 (três reais) por associado; acréscimo de um percentual da conta de luz para manter as instalações de água; entrega de 1 saco de milho a cada 15 colhidos, para manutenção do trator. Além de manter as benfeitorias da comunidade em perfeito funcionamento, as receitas da associação são geridas de forma organizada. A liderança central da associação ainda é exercida por Rosa e suas duas irmãs, Francisca, atual presidente, e Antonia, que, juntas, realizam uma gestão compartilhada da associação, cabendo a divulgação da associação à D. Rosinha, já tendo esta proferido palestras em Cuiabá, Brasília, Fortaleza e México, recebendo o 5º lugar no Nordeste, na premiação Mulher Empreendedora, prêmio criado pelo SEBRAE. A comercialização, por seu lado, é realizada por dona Francisca, participando esta de feiras onde a associação é convidada. D. Antonia instrui, no ofício, os demais associados. Percebe-se, ao longo desses 24 anos, um sentimento de partilha, na busca de soluções para problemas comuns da comunidade. O trabalho é construtivista e se dá através de um pensar e aprender coletivos, com o objetivo de garantir dias melhores para os moradores do Sítio Mocotó.</p>

5.2 Análise de conteúdo: net work do software atlas T.I.

Apresenta-se, neste segmento, as ações retiradas das atas e categorizadas de acordo com os fatores determinantes do capital social, propostos por Neto e Froes (2002). São elas: *solidariedade, participação, iniciativa, cooperação, organização e confiança*. Por se tratar de uma análise de conteúdo com grade mista, foram introduzidas novas categorias.

Para esta análise de dados, utilizou-se o software Atlas.T.I, no sentido de proporcionar uma melhor visualização e organização textual, permitindo, assim, a clareza das linhas mestras da construção teórica. Os dados foram coletados dos documentos primários extraídos das atas de reuniões, divididas em três períodos a saber: 1984 e 1985; 1986 e 1987; 1988 e 1989, foram retiradas 112 falas para a análise.

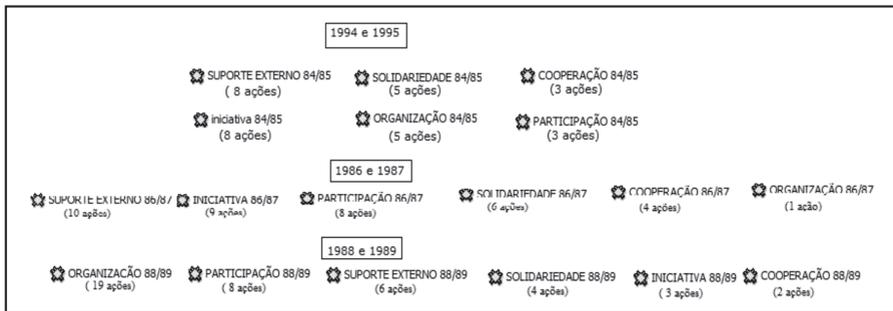


Figura 2 – Fatores determinantes para a formação do capital social. (1984/1989)

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Nesta etapa, observou-se que a iniciativa de Rosa, ao influenciar e motivar os integrantes do grupo a participarem das reuniões, que inicialmente tinham caráter unicamente religioso, foi fundamental para a fundação do grupo, juntamente com o suporte externo, que, inicialmente, tinha caráter motivacional e depois passou a intervir com financiamento para a fundação da fábrica.

A interferência dos membros externos foi preponderante para alavancar a associação, já que esses parceiros efetuaram empréstimos a fundo perdido, proporcionaram cursos de aperfeiçoamento e alavancaram as vendas, viabilizando a solidariedade social, visto que o grupo tem como objetivo maior ajudar os membros da comunidade, como um todo.

A cooperação e a participação dos integrantes, que se organizaram e dividiram tarefas, são consideradas de extrema importância para a continuidade e amadurecimento do grupo.

São analisadas, a seguir, entrevistas de profundidade com a atual presidente da Associação, Francisca, e também com a Sra. Rosa, considerada pelos associados fundadora do grupo.

5.3 Entrevista em profundidade

A análise de conteúdo da entrevista de profundidade realizada com Francisca Reinaldo, atual presidente da associação, e Rosa, encontra-se sintetizada neste tópico. As falas foram codificadas de acordo com o modelo teórico proposto por Neto e Froes (2002), que listam seis fatores determinantes para o capital social, analisando as falas das respondentes a partir das variáveis: iniciativa, confiança, solidariedade, cooperação, participação e organização.

Elementos Determinantes para Formação do Capital Social	Depoimento Rosa e as irmãs e Observação das Pesquisadoras
Iniciativa	<p>Depoimento Rosa e as irmãs: Na época eu tinha 17 anos e dava aula de eucaristia a crianças. Com o tempo essas crianças cresceram e passamos a discutir também sobre os problemas da comunidade e aí fundamos o grupo de jovens. [...] Nessa época eu e minhas irmãs já éramos deficientes. Por falta de acompanhamento médico, eu lutei pela associação, pois não queria que ninguém mais passasse pelo que eu passei, tudo na comunidade era muito precário e faltava emprego para nós, jovens. (Rosa).</p> <p>Nós éramos um grupo de jovens sem nenhuma perspectiva de trabalho, muitas até sem freqüentar a escola, pois não havia estradas para nos levar à cidade mais próxima, onde tinha escola. Aí resolvemos nos juntar pra buscar algo melhor, foi então que fizemos parcerias com o SEBRAE, que foi tentar identificar o que a comunidade já sabia fazer, pra começarmos a fazer algo concreto (...) como nós já fazíamos crochê e vendíamos para uma associação próxima, acabamos nos aperfeiçoando nisso mesmo (Francisca).</p> <p>Observações das pesquisadoras: Rosa, de acordo com a opinião do grupo, exerce reconhecida influência sobre os membros da organização, já que se dedica a dar aulas de eucaristia, motivada pelas conseqüências sofridas com relação à sua saúde, devido à precária instrução dos pais, que não tinham acesso a hospitais e/ou postos de atendimento médico.</p>
Confiança	<p>Depoimento Rosa e as irmãs: Quando a gente montou a associação, lá na comunidade não tinha luz, água nem telefone... e todo ano de eleição os políticos vinham e nos prometiam que iam mandar colocar isso. Ninguém acreditava mais nas promessas. Aí a associação resolveu ir atrás e conseguiu trazer luz. Foi aí que os moradores da comunidade começaram a acreditar na força da associação (Francisca).</p> <p>Acho que a confiança aumentou, por exemplo, a tesoureira é uma mulher muito honesta, se nós não confiássemos nela, não deixaríamos ela administrar o dinheiro da associação (Rosa).</p> <p>Observações das pesquisadoras: Reputa-se a confiança como sendo outro elemento fundamental para o sucesso no trabalho, sendo este, segundo dona Francisca, um grande passo e o ponto de partida que alavanca todos os demais. Conforme avaliação das fundadoras, a confiança faz com que as pessoas acreditem no potencial empreendido. Identifica-se aumento da confiança entre os associados, com relação ao trabalho em grupo, já que as tarefas são divididas e os membros têm que confiar uns nos outros.</p>

Elementos Determinantes para Formação do Capital Social	Depoimento Rosa e as irmãs e Observação das Pesquisadoras
Cooperação	<p>Depoimento Rosa e as irmãs: Recebemos do projeto São José, na época, 300 cruzeiros a fundo perdido, e compramos máquinas de pedal, pois ainda não tínhamos energia. Colocamos tudo na varanda da minha casa, porque não tinha um local apropriado. Ganhamos cursos do SEBRAE de gestão, costura e crochê. (Francisca).</p> <p>Observações das pesquisadoras: A cooperação foi outro aspecto a pesar, consideravelmente, no trabalho associativo. Os membros da associação foram envolvidos, havendo a possibilidade de se capacitarem e melhorar o domínio de novas tecnologias para seu produto. A cooperação mostrou-se fundamental, para que o trabalho realizado pela liderança de D. Rosinha e suas irmãs se desenvolvesse de forma cada vez mais desafiadora, pois a cada nova conquista, abre-se o espaço inédito da oportunidade. Percebe-se que a cooperação envolve a todos, em prol de um objetivo maior e comum: o bem de todos. E, para que esse bem comum se desenvolvesse, houve a subordinação dos interesses individuais aos coletivos.</p>
Organização	<p>Depoimento Rosa e as irmãs: Nos dias de reunião, temos um menino aqui que passa de casa em casa, chamando as pessoas pras reuniões da associação, pois nós mesmas não podemos fazer. Algumas casas ficam distantes umas das outras (Francisca). O ultimo investimento a fundo perdido que ganhamos foi para ampliar a fábrica. Quando finalizou enviamos para os responsáveis a prestação de contas, na outra semana toda a papelada voltou, pois faltava prestar conta de R\$ 0,05 (cinco centavos) foi uma dor de cabeça, fomos verificar nota por nota, até que achamos o problema, havia uma nota pequena de um parafuso que tínhamos esquecido de anexar (Rosa).</p> <p>Observações das pesquisadoras: Adota-se uma estratégia de convocação para as reuniões de cunho muito peculiar à realidade local, tentando-se, assim, assegurar a presença dos associados nas reuniões e assembleias. Estes resultados corroboram Neto e Froes (2002), que afirmam que localidades que se destacam pela primazia de sua organização social, da educação de uma cultura solidária e práticas que aglutinam pessoas de forma associativa, mostram ser comunidades de elevado nível de capital social.</p>
Solidariedade Social	<p>Depoimento Rosa e as irmãs: Lá nós damos aula de reforço escolar, temos parcerias com os agentes de saúde (Francisca). Nós mesmas dependemos muito das outras pessoas, pois somos deficientes, e não temos condições de fazer muitas coisas sozinhas, mas basta dar um grito pela janela que sempre aparece alguém para ajudar (Rosa).</p> <p>Observações das pesquisadoras: Observa-se que a determinante solidariedade social resultou em uma comunhão de atitudes de iniciativa, desenvolvendo no grupo o escopo de uma unidade sólida capaz de mobilizar esforços conjuntos para a superação das dificuldades surgidas. Estes resultados corroboram Neto e Froes (2002), que afirmam que localidades que se destacam pela primazia de sua organização social, da educação de uma cultura solidária e práticas que aglutinam pessoas de forma associativa, mostram ser comunidades de elevado nível de capital social.</p>
Participação	<p>Depoimento Rosa e as irmãs: Agora estamos nos reunindo pra ver qual será nossa próxima luta, fazemos reuniões e o que a maioria decidir será feito (Francisca). Todos participam e opinam nas reuniões, todas as decisões são tomadas pelo grupo (Rosa).</p> <p>Observações das pesquisadoras: A participação é outro elemento aglutinador de forças em torno dos objetivos da associação, propiciando ações decisórias para a vida da comunidade. Nota-se que, na comunidade estudada, houve um elevado nível de participação, inserindo-se muitas modificações na realidade local, fazendo com que as pessoas passassem a construir uma nova realidade, independentemente de ideologias e da política partidária.</p>

5.4 Entrevistas semi-estruturadas

Para a análise das entrevistas em profundidade com os associados presentes desde a fundação do grupo, definiram-se como categorias de análise de conteúdo os seis fatores determinantes do Capital Social, apresentado por Neto e Froes (2002). Conforme os quadros abaixo.

Qual motivo o levou a se associar?	
Componente	Evidencia Empírica
Iniciativa	<p>“Aqui na comunidade não tinha trabalho para os jovens, foi uma necessidade” (1)</p> <p>“Imaginei que me associando as coisas seriam mais fáceis” (2)</p> <p>“Era uma forma de gerar emprego.” (3)</p> <p>“Queria ver mudanças, pois nasci aqui e era tudo muito precário.” (4)</p> <p>“Além da agricultura não havia mais nenhum trabalho, então fui atrás de gerar renda para minha família” (5)</p> <p>“Quando cheguei aqui na cidade e vi que esse trabalho era sério e resolvi me associar.” (6)</p> <p>“Na época todas as minhas amigas tinham se associado.” (7)</p> <p>“Essa comunidade antigamente não tinha qualidade de vida e nem emprego para nós. Nos unir foi uma forma de lutar.” (8)</p>

Quadro 1 –. Que motivo o levou a se associar.

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Pode-se verificar, por meio da transcrição da resposta, que a motivação maior para aderir à associação foi a solidariedade, tendo como finalidade suprir as necessidades da comunidade, que, por falta de estrutura, vê diminuída a qualidade de vida dos seus moradores. É seguida pela confiança, que se pressupõe já existente entre os membros.

A totalidade dos entrevistados declarou que a iniciativa de Rosa foi essencial para a fundação da associação, contando-se com sua assídua presença nas reuniões e também com sua capacidade de comunicação, servindo como importante canal de informações para a comunidade. Em seguida, a cooperação dos adultos, investindo na ajuda ao grupo de jovens.

Quem fundou a associação?	
Componente	Evidência Empírica
Iniciativa	<p>“As três meninas, principalmente a Rosa, sempre estavam atentas ao que acontecia fora da comunidade e motivava o restante.” (1)</p> <p>“As três meninas.” (2)</p> <p>“A Rosa foi fundamental para o começo da associação, ela sempre estava em todas as reuniões apoiando a gente.” (3)</p> <p>“Fomos nós mesmos, éramos uns vinte jovens, a Rosa sempre estava à frente, sempre motivando a gente”. (4)</p> <p>“As três meninas, o pai delas e o Antônio Alencar que eram duas pessoas mais velhas que sempre apoiavam o grupo” (5)</p> <p>“Faz muito tempo não me lembro mais de detalhes, mas sei que foi a Rosa” (7)</p> <p>“Todos do grupo, mas a Rosa, seu pai e Antonio Alencar foram fundamentais na época” (8)</p>

Quadro 2 – Quem fundou a associação?

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Qual a principal dificuldade encontrada no período inicial da construção da associação?	
Componente	Evidência Empírica
Organização	<p>“A venda, éramos um monte de jovens dispostos a produzir, mas com pouca venda” (1)</p> <p>“Fazer com que as pessoas acreditassem no potencial da associação” (2)</p> <p>“A motivação das pessoas, que inicialmente não davam importância” (3)</p> <p>“Nós produzíamos, mas não tínhamos como vender” (4)</p> <p>“Sem dúvidas as vendas” (5)</p> <p>“Acho que as vendas” (7)</p> <p>“A falta de energia, não podíamos trabalhar à noite” (8)</p>

Quadro 3 – dificuldades encontradas no período inicial.

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

A deficiência de organização dos canais de venda foi a principal dificuldade encontrada pelos associados, percebendo-se alto potencial de produção, mas falha na identificação da demanda. Destacou-se ausência de um planejamento mercadológico e dos conhecimentos de técnicas de marketing.

De um modo geral, O senhor diria que a confiança entre as pessoas dessa comunidade aumentou ou diminuiu depois da associação?	
Componente	Evidencia Empírica
Confiança	“Aumentou” (1) “Acho que ficou estável, já confiávamos muito uns nos outros” (2) “Com certeza aumentou depois da associação” (3) “Nos já confiávamos uns nos outros, mas agora existe uma sinergia, tenho certeza que aumentou” (4) “Aumentou claro, como iríamos dividir as tarefas sem confiança?” (5) “Ficou estável” (7) “Aumentou. Exemplo: vai um grupo agora vender em São Paulo, se eu não confiasse não entregaria meus produtos a eles.” (8)

Quadro 4 – Confiança entre os membros

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

A maioria dos entrevistados acredita que já havia confiança entre os membros, mas, com a formação da associação, a confiança aumentou, já que um depende do outro, em muitos processos, da confecção das redes e até a venda dos produtos.

O senhor prefere trabalhar individualmente ou em grupo?	
Componente	Evidência Empírica
Cooperação	“Com certeza em grupo, as idéias se complementam” (1) “Em grupo, uns incentivam os outros” (2) “Trabalhar em grupo é mais fácil” (3) “Em grupo, sem dúvidas” (4) “Sozinho as coisas ficam mais complicadas pra conquistar” (5) “Em grupo” (6) “Certamente em grupo” (7) “Em grupo, pois dividimos as tarefas e fica mais fácil” (8)

Quadro 5 – preferência em trabalhar individualmente ou em grupo

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Percebe-se que todos os entrevistados preferem trabalhar em grupo, tendo a cooperação como um ponto forte da comunidade. Dentre os motivos citaram, se sentir mais motivados trabalhando em grupo, facilidade em executar tarefas e diversidade de idéias e opiniões.

Disponibilidade entre as pessoas da comunidade em gastar dinheiro ou tempo para objetivos de desenvolvimento comuns	
Componente	Evidência Empírica
Cooperação	“Com certeza tempo.” (1) “Dinheiro ninguém tem, mas sempre que se precisa disponibilizamos tempo” (2) “Tempo” (3) “Nós sempre nos reunimos, e fazemos mutirões, por exemplo, uma vez por mês limpamos a capela” (4) “Apenas o tempo, infelizmente não temos dinheiro o suficiente para ajudar” (5) “No meu caso tempo” (6) “Sem dúvida tempo” (7) “Tempo” (8)

Quadro 6 – Disponibilidade em cooperar

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Pode-se verificar, por meio das respostas dos associados, que todos estão dispostos a contribuir, dedicando tempo ao alcance dos objetivos de desenvolvimento comuns à comunidade.

Ressalta-se que, nas atas de reunião, são destacadas diversas ocasiões em que os lucros que deveriam ser divididos entre os associados eram integralmente destinados à concepção de um objetivo comum, demonstrando disponibilidade entre as pessoas da comunidade em investir recursos próprios no desenvolvimento de projetos comuns, embora este fato não tenha sido mencionado nas entrevistas.

Como pode ser observado no quadro acima, os associados entrevistados têm opinião unânime quanto à confiança entre seus membros, podendo contar uns com os outros, nos momentos de necessidade. A solidariedade faz parte desta comunidade e serve de base para seu crescimento.

Percebe-se, nas respostas em análise, a existência de um consenso entre elas, levando a uma conclusão bastante clara: os associados sentem-se motivados a participar pelo prazer de estarem entre amigos e pela animação do grupo, o que os leva a aumentar a auto-estima do próprio grupo, seguida do apoio que os associados buscam e recebem na associação.

O senhor pode contar com os membros da associação na hora de uma necessidade?	
Componente	Evidência Empírica
Solidariedade social	<p>“Sim. Não só da associação, mas com todos da comunidade” (1)</p> <p>“Sim. Principalmente com os membros da diretoria que são mais engajados” (2)</p> <p>“Sim. Por exemplo, meu filho está muito doente e eu não tinha estrutura para tirá-lo do hospital e trazê-lo para casa, então um grupo se juntou para fazer as adaptações em minha casa, para que meu filho pudesse vir, quando perguntei quanto era, ninguém me cobrou” (3)</p> <p>“sim” (4)</p> <p>“Em situação de precisão sempre estão aqui para ajudar” (o5)</p> <p>“Sim. Sempre que preciso posso contar com os sócios” (6)</p> <p>“Todos aqui estão dispostos a ajudar, mas principalmente os associados” (7)</p> <p>“Sim” (8)</p>

Quadro 7 – Solidariedade social.

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Que benefícios advêm de se fazer parte desse grupo?	
Componente	Evidência Empírica
Participação	<p>“É sempre um prazer me encontrar com meus amigos, e mais ainda poder trabalhar com eles” (1)</p> <p>“Nos reunimos sempre e é muito animado, e por sermos amigos nos entendemos com mais facilidade.” (2)</p> <p>“Sempre buscamos melhorias para a comunidade através da associação” (3)</p> <p>“Antes nós éramos matutos, foi essa convivência que nos fez crescer e aprender a nos valorizar” (4)</p> <p>“Em uma situação de precisão sempre terei apoio” (5)</p> <p>“Pagar menos pela água e pelo trator” (6)</p> <p>“Na associação me divirto bastante, o mais importante é a renda que adquire” (7)</p> <p>“Melhorar minha renda” (8)</p>

Quadro 8 – benefícios em fazer parte do grupo.

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

Quando há alguma decisão a ser tomada no grupo, geralmente como isso acontece?	
Componente	Evidencia Empírica
Participação	“Sempre nos reunimos e fica a decisão da maioria” (1) “A decisão parte de todos” (2) “Alguém dá uma idéia e todos decidem se vamos ou não executá-la” (3) “A diretoria se reúne antes e nos apresentam as propostas e decidimos” (4) “Conversamos e juntos chegamos às melhores decisões para o grupo” (5) “Escutamos o que todos têm a dizer, e depois votamos nas melhores idéias” (6) “Todos tomamos as decisões” (7) “As pessoas da diretoria mostram idéias e opiniões e o povo escolhe a melhor delas.” (8)

Quadro 9 – Formas de tomada de decisão.

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

O que se deduz das respostas acima destacadas é que existe um entrosamento muito grande entre os membros da associação. Todos se comportam de maneira democrática, sem atribuir as tomadas de decisão a um contexto individualista, ressaltando-se a iniciativa de alguns membros do grupo que sempre apresentam propostas para o grupo.

Você sempre participa das reuniões?	
Componente	Evidencia Empírica
Participação	“Sim, gosto de saber o que esta acontecendo” (1) “Sempre, só deixo de ir quando acontece algo muito sério” (2) “Claro, quero sempre participar das decisões” (3) “Sim, quando não vou, no outro dia quero logo saber de tudo o que aconteceu” (4) “Sim, acho importante” (5) “Sim” (6) “Sim, quando não vou mando uma carta justificando” (7) “Sim, é lá que acontecem as decisões importantes” (8)

Quadro 10 – Participação nas reuniões.

Fonte: Dados da pesquisa (2009).

A totalidade dos entrevistados declarou que participa, de forma assídua, das reuniões, buscando estar sempre presente. Percebe-se que os membros da associação entendem a importância, para a coletividade, do que é decidido nas reuniões, pois é nelas que são determinadas as diretrizes da associação.

Acha que sua opinião é importante para os outros membros da associação?	
Componente	Evidencia Empírica
Participação	“Sim, acho, até porque eles pedem que a gente diga o que pensa” (1) “Acho, com nossa opinião, ajudamos a melhorar a vida de todos” (2) “Sim, toda opinião é importante” (3) “Se eles pedem, é porque é importante” (4) “Sim, pois minha opinião não ajuda só a mim, ajuda a todos” (5) “Minha opinião é importante sim, ajuda no crescimento da associação” (6) “Sim, a opinião de todos é muito importante” (7) “Toda opinião é bem-vinda!” (8)

Quadro 11 – importância da opinião para os outros membros

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Percebe-se, destarte, haver um destaque especial para a forma em que o entrevistado se vê dentro da associação. Todos se sentem importantes e valorizados, acreditando, veementemente, que suas opiniões são determinantes na tomada de decisão. Evidencia-se, assim, forte participação entre os membros do grupo.

Neste tópico, conclui-se que a iniciativa de Rosa foi fundamental para o início do grupo, já que todos os associados afirmam ter ela fundado a associação, motivada pela solidariedade social existente no grupo.

Constata-se a importância da confiança na formação deste grupo; os associados acreditam na existência dela entre os membros do grupo, até mesmo antes de sua formação. É nítido o aumento dessa confiabilidade no decorrer dos anos.

A cooperação e a participação dos integrantes, que se organizaram e dividiram tarefas entre as pessoas, são consideradas de extrema importância para a continuidade e amadurecimento do grupo.

6 Discussão dos resultados

Neste tópico, procede-se à discussão dos resultados à luz do referencial teórico levantado. Verificou-se que, com o transcorrer dos anos, a evolução do capital social foi crescente, favorecendo a articulação da associação com parceiros

e instituições, do que resultou a implementação de ações visando à geração de ocupação e renda na comunidade do Sítio Mocotó.

Os projetos desenvolvidos na comunidade em estudo tiveram como objetivo comum a melhoria das condições de vida dos moradores do Sítio Mocotó. Mesmo com todas as dificuldades, a capacidade de auto-organização e gestão da associação parece advir de um constante processo de superação, da capacidade renovada do diálogo e da consecução de ações que impactam na qualidade de vida de seus moradores. A confiança atua como elemento fundamental neste trabalho associativo, gerando resultados expressivos nos atores sociais.

Neto e Froes (2002) creditam a formação do capital social à ação conjunta da confiança, iniciativa, cooperação, solidariedade social e participação, conforme demonstra a figura 3.

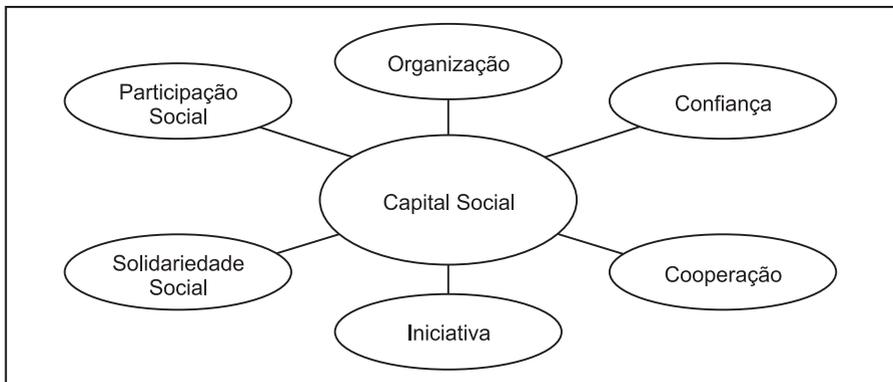


Figura 3 – Fatores determinantes do capital social.

Fonte: Neto e Froes (2002).

Observou-se, na Comunidade do sítio Mocotó, que Rosa teve a iniciativa de arregimentar pessoas e instituições capazes de realizar um trabalho de natureza cooperativa. O SEBRAE (2009) afirma que um indivíduo provido de iniciativa tem capacidade de criar novas oportunidades, em se antecipando aos fatos e desenvolvendo novos serviços e produtos, além de propor soluções criativas e inovadoras.

A figura 4 apresenta a configuração da dinâmica de formação do capital social observada na comunidade estudada e que se diferenciou do modelo original concebido por Neto e Froes, que retrata a ordem do surgimento dos fatores e a presença de uma sétima categoria, nominada articulação social.

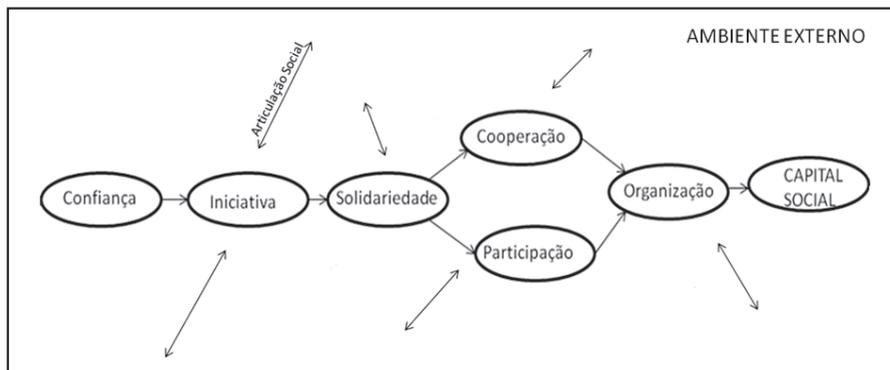


Figura 12 – Dinâmica de formação do capital social.
Fonte: Autora (2009)

Um importante fator em todas as etapas da construção do capital social traduz-se no apoio carreado pelos membros externos, vindo sob diferentes formas, como apresenta o quadro 12.

AÇÃO	MEMBROS EXTERNOS
Incentivar e motivar os integrantes do grupo	Padre Mota, grupos religiosos de outras comunidades
Oferecer cursos e palestras	SEBRAE, associações
Angariar financiamento a fundo perdido	Projeto São José, representando o Banco Mundial
Prover estrutura física para a associação	Pai de Rosa
Dar apoio institucional	Prefeitura
Oferecer suporte nas vendas	SEBRAE, CEART

Quadro 12 – Ações elaboradas por membros externos.
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Optou-se em chamar esta categoria de “articulação social”, inspirados em Woolcock (1999), que considera uma dimensão do capital social as relações entre comunidade e instituições públicas e/ou privadas, em que os representantes e líderes exercem um importante papel de natureza conectiva.

Antecedendo à iniciativa está a confiança, no caso específico, já existente entre os membros, uma vez que todos se conhecem desde a infância, tendo Rosa como professora. Putnam (2005) afirma ser a confiança elemento promotor da cooperação, constituindo-se em uma espécie de contexto de relacionamento. Este

fator é determinante na facilitação social da ação humana, por fortalecer as regras de reciprocidade.

Envolvendo todos os membros numa rede de solidariedade social, Bilgrien (1999) afirma que a solidariedade acontece quando os indivíduos ajudam uns aos outros na solução de problemas e/ou quando um indivíduo se coloca no lugar de outro.

Por sua vez, os membros da associação sentiram a necessidade premente de cooperar e de participar das decisões político-sociais e administrativas, buscando novos desafios.

No mercado de trabalho atual, a cooperação se mostra pela fusão de muitas forças, do que resulta uma força maior, originando-se disso uma força social comum, que produz resultado mais eficaz do que o advindo da força individual, dos trabalhadores, isoladamente. Dessa forma, a cooperação acaba por fortalecer aqueles que não conseguem, sozinhos, ter acesso à renda e à inclusão social (JESUS e TIBIRA, 1999).

Posteriormente, a organização foi vista de forma prioritária, posicionando-se em torno de objetivos comuns. Dornelas (1999) afirma que a organização é um conjunto de duas ou mais pessoas que realizam tarefas, seja em grupo e/ou individualmente, mas de forma coordenada e controlada.

A dinâmica de desenvolvimento do Capital Social, na comunidade em estudo, não adota o modelo desenhado por Neto e Froes (2002).

Conclusão

Este estudo objetivou analisar a dinâmica de formação do capital social, à luz do modelo de Neto e Froes (2002).

No que se refere ao primeiro objetivo específico, buscou-se investigar os fatores determinantes identificados pelos autores no processo de formação do capital social em comunidade de baixa renda. Ficou evidenciado que a formação do capital social apresentou-se de forma diferente, com modificações apostas à estrutura proposta pelos autores, em desenho circular, na qual todos os fatores atuam de forma conjunta.

No caso investigado, constatou-se que seis fatores contribuem para a formação do capital social em uma dinâmica linear com assimetria, identificando-se que a confiança entre os membros foi o ponto de partida neste processo. A iniciativa da líder Rosa ensejou o desenvolvimento da comunidade em uma rede de solidariedade social, motivando os integrantes a cooperarem, participarem e se organizarem. Observou-se ainda uma sétima categoria, a “Articulação social” que se destacou influente em todo o processo da formação do capital social.

O segundo objetivo específico buscou avaliar a atuação destes fatores na formação do capital social da referida comunidade. A pesquisa identificou importantes ações que contribuíram para o desenvolvimento local da comunidade, partindo da organização de seus membros, destacando-se: o acesso a instalações elétricas; a compra de um trator para beneficiar os agricultores; quatro empréstimos a fundo perdido; compra de equipamentos e matéria-prima para a associação; construção do galpão da fábrica e sua ampliação geral; aquisição do material relativo ao encanamento de água para a comunidade; acesso a consultas médicas; diminuição do índice de analfabetismo e geração de emprego e renda.

Nesse contexto, ressalta-se a importância do capital social em comunidades de baixa renda, defendida por diversos estudiosos e instituições da temática, como: Franco (2000), Neto e Froes (2002), Coleman (1989) e Banco Mundial (2000).

Os resultados deste estudo permitiram destacar as implicações gerenciais concernentes ao arranjo produtivo local pesquisado. Observa-se como pontos positivos relativo à comunidade a transparência na gestão financeira, gerando a credibilidade da associação com as instituições colaboradoras, notadamente: Banco Mundial, SEBRAE-CE e Governo do Estado; a presença de uma firme atuação de liderança e, ainda, o espírito cooperativo e solidário manifestado pelos membros da comunidade.

Por outro lado, foram identificadas falhas gerenciais na associação, notadamente no que se refere ao planejamento mercadológico e desconhecimento das técnicas de marketing. Embora a Associação seja conhecida internacionalmente, constituindo-se referência no Estado, no que tange a iniciativas exitosas em associativismo, não se observa um aproveitamento destas vantagens no que se relaciona à ampliação dos canais de venda e extensão da linha de produtos.

Nesse sentido, sugere-se que a associação invista em uma marca logotípica para que seus produtos se tornem mais competitivos no mercado, utilize canais como a Internet, para divulgação e venda; diversifique sua linha de produtos, buscando outros produtos fabricados com a mesma matéria prima e, por fim, promova a integração em redes solidárias, notadamente as internacionais.

Este trabalho apresenta algumas limitações, entre elas as que dizem respeito às entrevistas de campo, por não ter havido a possibilidade de entrevistar todos os integrantes que compunham a fundação da associação e os impasses surgidos quando da leitura das Atas de reuniões da entidade, por apresentarem falhas relacionais, como erro ortográfico e de concordância, que acabaram dificultando a interpretação das ações expostas no contexto documental.

Considerando-se as conclusões precedentes, torna-se possível levantar algumas recomendações de aprofundamento do tema em questão, visando a um maior desenvolvimento tecnocientífico na área, em complementação ao presente

trabalho, destacando-se os seguintes aspectos: a observação da dinâmica de formação do capital social em outra comunidade; análise da formação do capital social na comunidade em estudo buscando a visão de outros atores na qualidade de membros externos.

Por fim, espera-se que este trabalho tenha contribuído para o avanço do conhecimento acerca do tema proposto mediante ampliação das recentes pesquisas sobre a utilização do capital social como estratégia para novas opções de desenvolvimento e que desperte o interesse das diversas instituições públicas e privadas em focar, nas potencialidades da região, a possibilidade de multiplicação das ações até hoje desenvolvidas, tendo como propósito dilatar a abrangência do enfoque das políticas públicas.

Referências

ALBAGLI, S.; BRITO, J. *Arranjos produtivos locais: uma nova estratégia de ação para o Sebrae*. São Paulo: Rede Siste, 2002.

ARAÚJO, M. A. D. de; MOREIRA, C. A. L. *Gerenciamento das pessoas em uma associação de trabalho: novas formas de participação?* Rio de Janeiro: ENANPAD, 2000.

BANCO MUNDIAL. *O Banco Mundial e a educação no Brasil*. Disponível em: <<http://worldbank.org>>. Acesso em: 15 dez. 2008.

BANCO MUNDIAL. *Social capital*. Disponível em:

<<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTSOCIALDEVELOPMENT/EXTTSOCIALCAPITAL/0>>. Acesso em: 1 fev. 2009.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BILGRIEN, M. V. *Solidarity: a principle, an attitude, a duty? Or the virtue for an interdependent world?* New York: Lang, 1999.

COLEMAN, J. S. The realisation of effective norms. In: COLLINS, R. (Org.). *Four sociological traditions: selected readings*. New York: Oxford University Press, 1994. p. 171–89.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. *Am. J. Sociol.*, Oxford, n. 94, p. 95-120, 1988.

COSTA, I. *O capital social como instrumento para viabilização do desenvolvimento local e sustentável: um estudo comparativo entre localidades participantes do*

- pacto “Novo Cariri” dentro do programa SEBRAE-PB / REDE DLIS. 2007. 121 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção)- Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- CRANT, J. M. Proactive behavior in organizations. *Journal of Management*, Stillwater, v. 26, n. 3, p. 435-462, 2000.
- DOLABELA, F. *Oficina do empreendedor: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza*. São Paulo: Cultura, 1999.
- FRANCO, A. *Porque precisamos de desenvolvimento local integrado e sustentável*. Brasília, DF: Instituto de Política, 2000.
- GOODE, W. J.; HATT, P. K. *Métodos em pesquisa social*. 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.
- GRANOVETTER, M. S. Problems of explanation in ecologic sociology. In: NOHRI, N.; ECCLES, R. (Ed.). *Network and organization: structure, from and action*. Harvard: Harvard Business School Press, 1992.
- INOJOSA, R. M. *Gestão social governamental: os novos paradigmas do setor público*. 2004. Trabalho apresentado na Conferência Internacional de Gestão Social, Porto Alegre, 2004.
- IPIRANGA, A. S. R. *Os arranjos e sistemas produtivos territoriais entre aprendizagem, inovação e cultura*. Rio de Janeiro: Anpad, 2006.
- JACOBS, J. *Morte e vida das grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 1961.
- LANDES, D. *A riqueza e a pobreza das nações: porque são algumas tão ricas e outras tão pobres*. Lisboa: Gradiva, 2002.
- LOCKE, R. M. *Building trust*. Boston: Institute of Technology 2004.
- MELO NETO, F. P. de.; FROES, C. *Empreendedorismo social: a transição para a sociedade sustentável*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.
- MILANI, C. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). *Organização e Sociedade*, Salvador, v. 11, p. 95-113, 2008.
- PAIVA, C. M.; REIS, L. C. (Org.). *Desenvolvimento local, dinâmicas e estratégias*. Rio de Janeiro: Rede DLIS/RITS, 2003.
- PORTES, A.; SENSENBRENNER, J. Embeddedness and immigration: notes on the social determinants of economic action. *American Journal of Sociology*, Chicago, v. 98, n. 6, p.1320-1350, 1993.

PUTNAM, R. Bowling alone: America's declining social capital. *Journal of Democracy*, Washington D.C, v. 6, n. 1, p. 65-78, jan. 1995.

ROBSON, C. *Real world research*. Oxford: Blackwell, 2002.

SINGER, P. Economia solidária: um modo de produção e distribuição. In: SINGER, P.; SOUZA, A. R. (Org.). *A economia solidária no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 13-37.

TULL, D. S.; HAWKINS, D. I. *Marketing research: meaning, measurement and method*. London: Macmillan, 1976.

UPHOFF, N.; WIJAYARATNA, C. M. Benefícios demonstrados del capital social a productividad de las organizaciones campesinas de Gal Oya, Sri Lanka. *World Development*, Oxford, v. 28, n. 11, p. 1119-1132, nov. 2000.

VERGARA, P. *Desenvolvimento endógeno: um novo paradigma para a gestão local e regional*. Fortaleza: IADH, 2004.

WOOLCOCK, M. Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework. *Theory and Society*, New York, v. 27, n. 2, p. 151-208, 1998.

Recebido: 12/11/2008

Aprovado: 16/05/2009